

Julia Quinn

MAIS FORTE
QUE O SOL

Irmãs Lyndon
2





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.


Querida leitora,

Não sei quanto a você, mas eu adoro histórias de casamento por conveniência. Não me entenda mal, não me imagino casando por nenhum outro motivo que não um amor profundo e duradouro. No entanto, quando se trata de contos de fadas e romances... Bem, não consigo resistir quando um herói e uma heroína descobrem que seu casamento não é tão conveniente assim.

Então não foi uma surpresa quando me senti para escrever *Mais forte que o sol* e pensei: “Hum, ainda não escrevi uma história sobre casamento por conveniência.” Mas eu sabia que precisava ter o cuidado de deixar minha marca registrada na história. Afinal, dizem que não há tramas originais, e que tudo o que um autor pode fazer é contar uma história já conhecida com sua própria voz e seu estilo. Por isso criei Charles Wycombe, conde de Billington, um herói por quem eu poderia me apaixonar, e a Srta. Eleanor Lyndon, uma heroína que poderia ser minha melhor amiga; e a tudo isso acrescentei uma boa dose de diversão e risadas.

Agora, sem me estender mais, seja bem-vinda ao casamento por conveniência ao estilo Julia Quinn. Espero que goste.

Com carinho,



Para tia Susan: obrigada.

– Srta. Julie

E para Paul,

*mesmo que ele não consiga entender por que não posso
terminar todos os meus títulos com pontos de exclamação.*

CAPÍTULO 1

Kent, Inglaterra
Outubro de 1817

Eleanor Lyndon cuidava de seus afazeres quando Charles Wycombe, o conde de Billington, caiu – quase literalmente – em sua vida.

Ela caminhava sozinha, assobiando uma melodia alegre e tentando estimar o lucro anual da East & West Sugar Company (empresa da qual possuía várias ações), quando, para sua grande surpresa, um homem despencou do céu e aterrissou aos – ou, para ser mais preciso, *nos* – seus pés.

Uma observação mais atenta revelou que o homem em questão caíra não do céu, mas de um grande carvalho. Como sua vida havia ficado mais tediosa no último ano, Ellie teria preferido que ele tivesse *de fato* caído do céu. Teria sido, sem dúvida, mais emocionante.

Ela retirou o pé esquerdo, preso embaixo do ombro do desconhecido, suspendeu as saias acima dos tornozelos para impedir que se sujassem e se agachou.

– Senhor? – chamou. – Está bem?

– Ai... – limitou-se ele a dizer.

– Ah, meu Deus – murmurou ela. – O senhor não quebrou nenhum osso, certo?

Ele nada disse, apenas expirou longamente. Ellie recuou quando o hálito dele a atingiu.

– Minha nossa – queixou-se ela. – Parece que o senhor bebeu uma vinícola inteira.

– Uísque – replicou ele com a voz engrolada. – Um *cavalheiro* bebe uísque.

– Não *tanto* uísque – retrucou Ellie. – Somente um bêbado toma toda essa quantidade de qualquer bebida.

Ele se sentou, com grande dificuldade, e sacudiu a cabeça para clarear as ideias.

– Exatamente – disse ele, agitando a mão no ar e se encolhendo quando o movimento o deixou zozzo. – Creio que estou um pouco bêbado.

Ellie achou melhor não comentar mais nada a respeito.

– Tem certeza de que não se feriu?

Ele tocou o cabelo castanho-avermelhado e piscou.

– Minha cabeça lateja como o diabo.

– Desconfio que não seja apenas por causa da queda.

Ele tentou se levantar, mas logo se sentou novamente.

– A senhorita é uma moça de língua afiada.

– Sim, eu sei – disse ela com um sorriso irônico. – Por isso sou uma solteirona. Bem, agora vamos ao que importa: para cuidar direito de seus ferimentos, preciso saber quais são.

– Eficiente também – murmurou ele. – Por que tem tanta certeza de que estou ferido... hum... ferido?

Ellie olhou para a árvore. O galho mais próximo do chão estava a uns bons cinco metros de altura.

– Não vejo como possa ter caído de tão alto e *não* ter se machucado.

Ele balançou a cabeça, descartando o comentário dela, e tentou se levantar de novo.

– Bem, nós, os Wycombes, somos duros na queda. Seria preciso muito mais do que um simples tomb... Ai! – berrou ele.

Ellie se esforçou ao máximo para não parecer presunçosa, mas disse:

– Uma dor? Uma torção? Um mau jeito, talvez.

Ele estreitou os olhos castanhos enquanto se agarrava ao tronco da árvore em busca de apoio.

– É uma mulher dura e cruel, Srta. Seja Lá Qual For o Seu Nome. Parece sentir prazer com minha agonia.

Ellie tossiu para disfarçar uma risada.

– Sr. Seja Lá Quem For, devo protestar e ressaltar que tentei cuidar de seus ferimentos, mas o senhor insistiu em dizer que não tinha nenhum.

Ele franziu a testa de um jeito infantil e sentou-se mais uma vez.

– É lorde Seja Lá Quem For – murmurou ele.

– Muito bem, milorde – disse ela, esperando não tê-lo irritado muito.

Um nobre tinha muito mais poder do que a filha de um vigário e, se ele quisesse, poderia tornar a vida dela bastante difícil. Ellie desistiu da esperança de manter o vestido limpo e sentou-se no chão.

– Qual tornozelo está doendo, milorde?

Ele apontou para o direito e fez uma careta quando ela o ergueu com as mãos. Após um exame rápido, Ellie o fitou e disse com sua voz mais educada:

– Terei que tirar sua bota, milorde. O senhor me permite?

– Gostava mais da senhorita quando estava cuspidando fogo.

Ellie também gostava mais de si mesma daquele jeito, então sorriu.

– O senhor tem um canivete?

Ele bufou.

– Se acha que colocarei uma arma em suas mãos...

– Muito bem. Creio que posso simplesmente puxar a bota. – Ela inclinou a cabeça e fingiu refletir sobre o assunto. – Pode doer um pouco quando prender em seu tornozelo tão inchado, mas, como ressaltou, o senhor vem de uma linhagem dura na queda, e um homem deve conseguir suportar um pouco de dor.

– De que diabo a senhorita está falando?

Ellie começou a puxar a bota. Não com força – ela jamais seria tão cruel –, apenas o bastante para demonstrar que a bota não sairia do pé dele com facilidade.

Quando ele gritou, Ellie desejou não ter tentado lhe dar uma lição, pois levou outra baforada de uísque.

– Quanto o senhor bebeu? – perguntou ela, prendendo a respiração.

– Não o bastante – respondeu ele, gemendo. – Ainda não inventaram uma bebida forte o suficiente...

– Ora, por favor – disse Ellie. – Não sou tão ruim assim.

Para sua surpresa, ele riu.

– Querida – falou o lorde num tom que evidenciava que costumava agir como um patife –, a senhorita foi o que de menos ruim aconteceu comigo nos últimos meses.

Aquele elogio deselegante fez com que Ellie sentisse um estranho arrepio na nuca. Grata por seu grande chapéu esconder seu rubor, concentrou-se no tornozelo dele.

– Mudou de ideia sobre eu cortar sua bota?

Em resposta, ele colocou o canivete na mão dela.

– Tinha certeza de que havia algum bom motivo para eu carregar essa coisa. Só nunca soube qual era. Até hoje.

O canivete estava um pouco cego, e em pouco tempo Ellie começou a cerrar os dentes enquanto cortava a bota. Ela ergueu os olhos da tarefa por um instante.

– Avise-me se eu...

– Ai!

– ... acertá-lo – completou ela. – Sinto muitíssimo.

– É tocante a tristeza que ouço em sua voz – disse ele num tom cheio de ironia.

Ellie conteve outra risada.

– Ah, pelo amor de Deus – resmungou ele. – Pode rir. Deus sabe como minha vida é motivo de riso.

A filha do vigário, que vira sua própria vida descer ao fundo do poço desde que seu pai viúvo anunciara a intenção de se casar com a maior bisbilhoteira do povoado de Bellfield, viu-se tomada de empatia. Ela não sabia o que poderia ter levado aquele homem extraordinariamente bonito e próspero a se embriagar daquele jeito, mas, o que quer que fosse, sentia muito por ele. Deixou a bota de lado por um instante, encarou-o com seus olhos azul-escuros e disse:

– Meu nome é Eleanor Lyndon.

Os olhos dele se enterneceram.

– Obrigado por compartilhar essa informação pertinente, Srta. Lyndon. Não é todo dia que permito que uma desconhecida corte minhas botas.

– Não é todo dia que quase sou lançada ao chão por homens que caem de árvores. Homens *desconhecidos* – acrescentou ela enfaticamente.

– Ah, sim, su... suponho que deva me apresentar. – Então inclinou a cabeça de uma maneira que mostrou a Ellie que ainda estava mais do que ligeiramente embriagado. – Charles Wycombe ao seu dispor, Srta. Lyndon. Conde de Billington. – E murmurou: – Se é que isso vale algo.

Ellie encarou-o sem piscar. Billington? Aquele era um dos solteiros mais cobiçados do condado. Tão cobiçado que até mesmo ela, que não estava em nenhuma lista de jovens cobiçadas, já ouvira falar dele. Corriam boatos de que era o pior tipo de libertino. Ela ouvira rumores sobre ele em reuniões do povoado, embora, como uma mulher solteira, jamais tivesse se inteirado das fofocas mais picantes.

A moça também ficara sabendo que ele era incrivelmente rico, ainda mais do que o conde de Macclesfield, com quem sua irmã Victoria se ca-

sara havia pouco tempo. Ellie não poderia garantir aquela informação, já que não tinha visto seus livros contábeis e fazia questão de nunca especular sobre questões financeiras sem provas concretas, mas sabia que a propriedade dos Billingtons era antiga e imensa.

E ficava a uns bons 30 quilômetros de distância.

– O que o senhor está fazendo aqui em Bellfield? – perguntou ela.

– Apenas visitando alguns lugares da minha infância.

Ellie indicou os galhos acima deles com a cabeça.

– Sua árvore favorita?

– Eu a escalava o tempo todo com Macclesfield.

Ellie terminou de abrir a bota e pousou o canivete.

– Robert? – perguntou ela.

Charles pareceu desconfiado e um pouco protetor.

– A senhorita o trata pelo primeiro nome? Ele se casou recentemente.

– Sim. Com minha irmã.

– O mundo fica menor a cada segundo – murmurou ele. – É um prazer conhecê-la.

– Talvez o senhor repense esse sentimento daqui a um instante – comentou Ellie.

Com um toque gentil, ela deslizou o calçado para fora do pé inchado. Charles olhou para a bota cortada com uma expressão sofrida.

– Suponho que meu tornozelo seja mais importante – declarou ele, melancólico, sem parecer acreditar no que dizia.

Ellie bateu com habilidade o tornozelo dele.

– Acho que o senhor não quebrou nenhum osso, mas arrumou uma torção feia.

– A senhorita soa experiente nesta questão.

– Costumo resgatar todo tipo de animal ferido – informou ela, franzindo a testa. – Cães, gatos, pássaros...

– Homens – completou ele.

– Não – disse ela de modo audacioso. – O senhor é o primeiro. Mas não imagino que seja *muito* diferente de um cachorro.

– Suas presas estão à mostra, Srta. Lyndon.

– Estão? – perguntou ela, estendendo a mão para tocar o rosto. – Tenho que me lembrar de escondê-las.

Charles caiu na risada.

– A senhorita é mesmo um achado.

– É o que vivo dizendo a todo mundo – falou ela dando de ombros, com um sorriso travesso –, mas ninguém parece acreditar em mim. Acho que o senhor vai precisar usar uma bengala durante alguns dias. Possivelmente uma semana. Tem alguma à disposição?

– Aqui?

– Quis dizer em casa, mas... – Ellie parou de falar e olhou em volta. Viu um longo galho caído a vários metros de distância e se levantou. – Isso deve servir – disse ela, pegando-o e entregando-o a ele. – Precisa de ajuda para se levantar?

Ele sorriu com ar de predador enquanto se inclinava na direção dela.

– Qualquer desculpa para estar em seus braços, minha querida Srta. Lyndon.

Ellie sabia que deveria se sentir afrontada, mas, que diabo, ele era tão encantador. Ela imaginou que fora assim que conquistara sua tão bem-sucedida fama de libertino. Aproximou-se do conde e enfiou as mãos sob seus braços.

– Devo avisar que não sou muito delicada.

– Por que isso não me surpreende?

– Quando eu contar até três, então. Está pronto?

– Isso depende, eu suponho, de...

– Um, dois... três!

Ellie grunhiu, fazendo força, e ergueu o conde. Não foi uma tarefa fácil. Ele devia ser uns 25 quilos mais pesado do que ela e, além disso, estava bêbado. Os joelhos dele cederam e Ellie mal conseguiu deixar de praguejar enquanto firmava os pés e o apoiava. O conde começou a oscilar na outra direção e ela teve que correr para ficar de frente e evitar que ele caísse.

– Isso é bom – murmurou ele ao sentir seu peito pressionando o dela.

– Lorde Billington, devo insistir para que use sua bengala.

– Na senhorita?

Ele parecia intrigado com a ideia.

– Para andar! – gritou ela.

Ele se encolheu por causa do barulho e balançou a cabeça.

– É estranho, mas sinto um desejo avassalador de beijá-la.

Pela primeira vez desde a queda do conde, Ellie ficou sem fala.

Charles mordia, pensativo, o lábio inferior.

– Acho que é o que vou fazer.

Isso foi o suficiente para fazê-la agir. Ela saltou para o lado e ele caiu, esparramando-se no chão.

– Santo Deus, mulher! – berrou ele. – Por que fez isso?

– O senhor ia me beijar.

Ele esfregou a cabeça, que atingira o tronco da árvore.

– E a perspectiva foi *tão* apavorante assim?

Ellie piscou.

– Apavorante não é exatamente a palavra.

– Por favor, não diga repulsiva – resmungou ele. – Eu não aguentaria.

Ela expirou e estendeu-lhe a mão de forma conciliadora.

– Sinto muito por tê-lo deixado cair, milorde.

– Mais uma vez, seu rosto é o retrato da tristeza.

Ellie lutou contra o impulso de bater o pé.

– Falei sinceramente desta vez. Aceita minhas desculpas?

– Parece – disse ele, erguendo as sobrancelhas – que a senhorita poderia me causar algum dano físico se eu não aceitasse.

– Seu pedante desprezível – falou ela. – Estou tentando me desculpar.

– E *eu* – replicou ele – estou tentando aceitar suas desculpas.

O conde estendeu o braço e segurou a mão enluvada de Ellie. Ela o ajudou a se levantar e tratou de ficar fora de seu alcance assim que ele se equilibrou com a bengala improvisada.

– Vou acompanhá-lo até a cidade – disse Ellie. – Não é tão longe assim. De lá, o senhor conseguirá chegar em casa?

– Deixei meu coche no Bee and Thistle – respondeu ele.

Ela limpou a garganta.

– Agradeceria se o senhor se comportasse com discrição e polidez. Posso ser uma solteirona, mas tenho uma reputação a zelar.

Ele lhe lançou um olhar meio de lado.

– Receio que eu tenha fama de canalha.

– Eu sei.

– Sua reputação provavelmente foi destruída no momento em que aterrissei em cima da senhorita.

– Por Deus, o senhor caiu de uma árvore!

– Sim, é claro, mas a senhorita colocou suas mãos desnudas em meu tornozelo nu.

– Por um motivo nobre.

– Sinceramente, pensei que beijá-la me parecia bastante nobre, mas a senhorita pareceu discordar.

Ela contraiu os lábios, contrariada.

– É desse tipo de comentário impertinente que estou falando. Sei que não deveria, mas me importo com o que as pessoas pensam de mim, e tenho que morar aqui pelo resto da minha vida.

– Tem mesmo? – perguntou ele. – Que triste.

– Isso não é engraçado.

– Não era para ser.

Ela suspirou com impaciência.

– Procure se comportar quando chegarmos à cidade, está bem?

Ele se apoiou no galho de árvore e se curvou em um cumprimento cortês.

– Tento nunca decepcionar uma dama.

– Pode parar! – disse ela, agarrando-o pelo cotovelo. – O senhor vai acabar caindo.

– Ora, Srta. Lyndon, creio que está começando a se importar comigo.

Ela deixou escapar um grunhido. Com as mãos cerradas, passou a caminhar com passos decididos em direção à cidade. Charles mancava atrás dela, sorrindo o tempo todo. No entanto, ela caminhava muito mais rápido do que ele e, quando a distância entre os dois aumentou, ele foi forçado a chamá-la.

Ellie virou-se.

Charles abriu o que esperava ser um sorriso cativante.

– Receio que eu não consiga acompanhá-la.

Ele estendeu as mãos em um gesto de súplica e logo perdeu o equilíbrio. Ellie correu para ajudá-lo.

– O senhor é um desastre ambulante – declarou ela, mantendo a mão no cotovelo do conde.

– Um desastre manco – corrigiu ele. – E não consigo... – Ele levou a mão livre até a boca para encobrir um arrotto. – Não consigo mancar rápido assim.

Ela suspirou.

– Venha. O senhor pode se apoiar no meu ombro. Juntos, devemos conseguir levá-lo até a cidade.

Charles sorriu e passou o braço pelo ombro dela. Ellie era pequena, mas forte, então ele decidiu sondar o terreno apoiando-se um pouco mais perto dela. Ellie se enrijeceu e soltou outro suspiro alto.

Lentamente, seguiram em direção à cidade. Charles sentia que se apoiava cada vez mais nela. Se sua dificuldade se devia à torção ou à embriaguez, ele não sabia. O corpo de Ellie era quente, ao mesmo tempo forte e suave, e ele não se importava muito com a forma como se metera naquela situação, só pensava em aproveitá-la enquanto durasse. A cada passo, a lateral do seio dela pressionava suas costelas, e a sensação era bastante agradável.

– É um lindo dia, não acha? – perguntou ele, pensando que deveria puxar conversa.

– Sim – concordou Ellie, perdendo um pouco o equilíbrio sob o peso dele.

– Mas está ficando tarde. Não há como o senhor ser um pouco mais rápido?

– Nem mesmo eu sou tão cafajeste a ponto de fingir estar mancando só para desfrutar das atenções de uma bela dama – retrucou Charles.

– Pare de balançar o braço! Nós vamos perder o equilíbrio.

Charles não sabia direito por que, e talvez fosse apenas por ainda estar bêbado, mas gostou do som da palavra *nós* saindo dos lábios dela. Havia algo em relação àquela Srta. Lyndon que o deixava feliz pelo simples fato de estarem lado a lado. Ela parecia leal, sensata e justa. E tinha um senso de humor ferino. O tipo de pessoa que um homem gostaria de ter por perto quando precisasse de apoio.

Ele virou o rosto para ela.

– A senhorita cheira bem.

– O quê? – guinchou ela.

E era divertido torturá-la. Ele se lembrou de acrescentar isso à lista de atributos. Era sempre bom cercar-se de pessoas que poderia provocar um pouco. Ele fingiu inocência.

– A senhorita cheira bem – repetiu.

– Esse não é o tipo de coisa que um cavalheiro diz a uma dama.

– Estou bêbado. Não sei o que estou falando.

Ela estreitou os olhos, desconfiada.

– Tenho a sensação de que o senhor sabe *exatamente* o que está dizendo.

– Ora, Srta. Lyndon, está me acusando de tentar seduzi-la?

Ele não pensou que fosse possível, mas o rosto dela ficou ainda mais ruborizado. Ele queria poder ver a cor de seu cabelo sob aquele chapéu horrendo. Suas sobrancelhas eram loiras e se destacavam de modo engraçado em contraste com o vermelho de seu rosto.

– Pare de distorcer minhas palavras.

– A senhorita distorce as palavras muito bem – afirmou. E quando ela não disse nada, ele acrescentou: – Isso foi um elogio.

Ellie seguiu com dificuldade pela estrada de terra, puxando-o com ela.

– O senhor me desconcerta, milorde.

Charles sorriu, pensando que era muito divertido desconcertar a Srta. Eleanor Lyndon. Ele ficou em silêncio por alguns minutos e, ao dobrarem uma esquina, perguntou:

– Estamos chegando?

– Acho que já percorremos a metade do caminho. – Ellie estreitou os olhos na direção do horizonte, observando o sol afundar cada vez mais. – Ah, Deus. Está ficando tarde. Papai vai me matar.

– Juro pelo túmulo do meu pai... – Charles tentava parecer sério, mas começou a soluçar.

Ellie virou-se tão de repente que seu nariz bateu no ombro dele.

– O que disse, milorde?

– Eu tentava, *ic!*, jurar à senhorita que não estou, *ic!*, deliberadamente tentando diminuir o ritmo.

Os lábios dela se contraíram.

– Não sei por que motivo, mas acredito no que diz – respondeu ela.

– Talvez porque meu tornozelo esteja parecendo uma pera velha – brincou ele.

– Não – falou ela, pensativa. – Porque acho que o senhor é uma pessoa boa, embora pareça se esforçar para que pensem o contrário.

Ele bufou com deboche.

– Estou longe, *ic!*, de ser bom.

– Aposto que dá a todos os seus funcionários um pagamento extra no Natal.

Para sua irritação, ele corou.

– Arrá! – gritou ela, triunfante. – O senhor dá!

– Isso gera lealdade – murmurou ele.

– Isso lhes permite comprar presentes para suas famílias – declarou ela com suavidade.

Ele grunhiu e virou a cabeça para o outro lado.

– Lindo pôr do sol, não acha, Srta. Lyndon?

– Um pouco confuso com relação a mudanças de assunto – disse ela com um sorriso astuto –, mas, sim, bem bonito.

– É surpreendente – continuou ele – observar quantas cores compõem o pôr do sol. Vejo laranja, rosa e pêssego. Ah, e um toque de amarelo-alaranjado bem ali. – Ele apontou para o sudoeste. – E o mais incrível é que será tudo diferente amanhã.

– O senhor é um artista? – perguntou Ellie.

– Não. Apenas gosto do pôr do sol.

– A cidade fica logo após a próxima curva – informou ela.

– É mesmo?

– O senhor parece decepcionado.

– Acho que não quero ir para casa – replicou ele.

Charles suspirou, lembrando-se do que o aguardava por lá. O amontoado de pedras que constituía Wycombe Abbey. Um amontoado de pedras que custava uma maldita fortuna para ser mantido. Uma fortuna que escaparia pelos seus dedos em menos de um mês graças ao seu pai intrometido.

O controle de George Wycombe sobre as finanças da família deveria ter diminuído com sua morte, mas a verdade é que ele encontrara uma maneira de manter, do além-túmulo, as mãos em torno do pescoço do filho. Charles praguejou baixinho ao se dar conta de como aquela imagem era apropriada. Ele certamente se sentia como se estivesse sendo estrangulado.

Dentro de precisamente quinze dias, ele faria 30 anos. Dentro de precisamente quinze dias, toda a sua herança seria arrancada dele. A menos que...

A Srta. Lyndon tossiu e limpou a poeira do olho. Charles olhou-a com renovado interesse.

A menos que... Lentamente a ideia foi tomando forma em seu cérebro ainda grogue, e ele se esforçou para não deixar escapar nenhum detalhe importante... A menos que, em algum momento nos próximos quinze dias, ele conseguisse encontrar uma esposa.

A Srta. Lyndon levou-o à High Street e apontou para o sul.

– O Bee and Thistle fica logo ali. Não vejo seu coche. Está nos fundos?

A Srta. Lyndon tem uma bela voz, pensou Charles. Ela tinha uma bela voz, um cérebro inteligente, bom senso e – embora ele não soubesse a cor do seu cabelo – um bonito par de sobrancelhas. E era ótimo sentir seu corpo apoiado no dela.

Ele limpou a garganta.

– Srta. Lyndon.

– Não me diga que confundiu o lugar em que deixou seu coche.

- Srta. Lyndon, tenho algo de grande importância para lhe falar.
- Seu tornozelo piorou? Eu sabia que colocar peso nele era uma má ideia, mas não havia outra forma de trazê-lo para a cidade. Um pouco de gelo teria...
- Srta. Lyndon! – exclamou Charles, quase gritando.
- Isso fez com que ela se calasse.
- A senhorita acha que poderia...
- Ele tossiu e desejou estar sóbrio, pois tinha a sensação de que seu vocabulário era mais amplo quando não estava embriagado.
- Lorde Billington? – indagou ela com uma expressão preocupada.
- Por fim, ele simplesmente perguntou:
- Acha que poderia se casar comigo?

CAPÍTULO 2

Ellie o deixou cair.

Charles aterrissou de modo espalhafatoso, gritando de dor quando o tornozelo cedeu.

- Isso foi algo terrível de se dizer! – gritou ela.
- Charles coçou a cabeça.
- Pensei apenas tê-la pedido em casamento.
- Ellie piscou, tentando conter lágrimas traiçoeiras.
- É cruel brincar com isso.
- Eu não estava brincando.
- É claro que estava – rebateu ela, mal contendo o impulso de chutá-lo.
- Fui muito gentil com o senhor esta tarde.
- Muito gentil – repetiu ele.
- Não precisava parar para ajudá-lo.
- Não – murmurou ele –, não precisava.
- Quero que saiba que eu poderia estar casada se quisesse. Estou solteira por opção.
- Eu não imaginaria outra coisa.

Ellie pensou ter ouvido um tom de deboche na voz dele, e desta vez o chutou mesmo.

– Maldição, mulher! – exclamou Charles. – Por que diabo fez isso? Estou falando sério.

– O senhor está bêbado.

– Sim – admitiu ele –, mas nunca pedi uma mulher em casamento antes.

– Ah, por favor – zombou ela. – Se está tentando me dizer que se apaixonou perdidamente por mim à primeira vista, permita-me dizer que não acredito nisso nem por um instante.

– Não estou tentando lhe dizer nada do tipo – esclareceu ele. – Eu jamais insultaria sua inteligência dessa maneira.

Ellie piscou, pensando que ele podia ter acabado de insultar algum outro aspecto seu, mas sem saber direito qual.

– A questão é... – Ele parou e limpou a garganta. – A senhorita acha que podemos continuar essa conversa em outro lugar? Talvez num local onde eu possa me sentar em uma cadeira e não no chão?

Ellie franziu a testa por um segundo antes de, com relutância, estender-lhe a mão. Ainda não tinha certeza de que ele não estava debochando dela, mas o tratara de maneira pouco gentil, e isso pesava em sua consciência. Ela não achava certo chutar um homem quando ele estava caído, principalmente quando fora ela quem o derrubara.

Charles pegou a mão dela e levantou-se.

– Obrigado – disse de modo seco. – A senhorita é, sem dúvida, uma mulher de grande personalidade. Por isso estou pensando em tomá-la como esposa.

Os olhos de Ellie se estreitaram.

– Se não parar de zombar de mim...

– Acredito que já tenha afirmado que estou falando sério. Eu nunca minto.

– Ah, isso sim é uma inverdade – retrucou ela.

– Bem, nunca minto sobre algo importante.

Ela levou a mão aos quadris e deixou escapar um som que indicava descrença.

Ele expirou, ligeiramente irritado.

– Asseguro-lhe de que não mentiria sobre algo *assim*. Devo dizer que a senhorita tem uma opinião terrível a meu respeito. Por quê? É o que me pergunto.

– Lorde Billington, o senhor é considerado o maior libertino de Kent! Meu próprio cunhado disse isso.

– Lembre-me de estrangular Robert na próxima vez que o vir – murmurou Charles.

– O senhor poderia muito bem ser o maior libertino de toda a Inglaterra. E eu não saberia, já que não saio de Kent há anos, mas...

– Dizem que os libertinos se tornam os melhores maridos – interrompeu ele.

– Os libertinos *regenerados* – ressaltou ela com firmeza. – E duvido muito que tenha planos nesse sentido. Além disso, não vou me casar com o senhor.

Ele suspirou.

– Gostaria muito que aceitasse meu pedido.

Ellie olhou-o, incrédula.

– O senhor é louco.

– Perfeitamente são, eu lhe asseguro. – Ele fez uma careta. – Meu pai é que era louco.

Ellie de repente imaginou uma situação envolvendo pessoas bastante loucas e recuou. Diziam que insanidade era algo hereditário.

– Ah, pelo amor de Deus – resmungou Charles. – Não louco de verdade. O fato é que ele me deixou em uma maldita enrascada.

– Não vejo o que isso tem a ver comigo.

– Tem tudo a ver com a senhorita – afirmou ele de modo enigmático.

Ellie deu outro passo para trás, concluindo que lorde Billington estava mais do que louco... estava pronto para ser internado em Bedlam.

– Se me der licença – falou ela –, é melhor eu ir logo para casa. Tenho certeza de que, daqui, o senhor conseguirá chegar ao seu destino. Seu coche... está nos fundos. O senhor deve conseguir...

– Srta. Lyndon – disse ele, com a voz firme.

Ela parou de imediato.

– Preciso me casar – declarou ele de maneira franca –, e preciso fazer isso nos próximos quinze dias. Não tenho escolha.

– Não consigo imaginá-lo fazendo qualquer coisa que esteja fora de seus propósitos.

Ele a ignorou.

– Se não me casar, perderei toda a minha herança. Até a última moeda.

– Ele riu de forma sarcástica. – Ficarei apenas com Wycombe Abbey, e acredite quando lhe digo que aquele amontoado de pedras em breve estará em ruínas se eu não tiver dinheiro para mantê-lo.

– Nunca ouvi falar de uma situação assim – disse Ellie.

- Não é tão incomum.
- A meu ver, parece bastante estúpido.
- Quanto a isso, senhorita, estamos completamente de acordo.

Ellie retorceu parte do tecido da saia marrom enquanto avaliava as palavras dele.

- Não entendo por que o senhor me escolheu para ajudá-lo nesta questão – disse ela por fim. – Tenho certeza de que poderia encontrar uma esposa adequada em Londres. Não chamam a cidade de “Mercado Casamenteiro”? Creio que o senhor seria considerado uma excelente opção.

Ele abriu um sorriso irônico.

- A senhorita faz com que eu me sinta um peixe.

Ellie olhou-o e prendeu a respiração. Era impossível ficar imune àquele homem incrivelmente bonito e charmoso.

- Não – disse ela –, não um peixe.

O duque deu de ombros.

- Venho adiando o inevitável. Sei disso. Mas então a senhorita cai na minha vida, no momento de maior desespero...

- Perdão, mas creio que o *senhor* caiu na minha vida.

Ele deu uma risada.

- Cheguei a comentar que a senhorita também é muito divertida? Eu pensei: “Bem, ela servirá tão bem quanto qualquer outra, e...”

- Se seu objetivo era me cortejar – disse Ellie em tom ácido –, não está conseguindo.

- Servirá melhor do que a maioria – corrigiu ele. – É verdade, a senhorita é a primeira que conheço que acredito que poderia suportar.

Não que Charles tivesse planos de se dedicar a uma esposa. Ele realmente só precisava de uma para ter o nome dela em uma certidão de casamento. Ainda assim, teriam que passar *algum* tempo juntos, e seria bom que fosse uma dama respeitável. A Srta. Lyndon parecia atender com perfeição a seus propósitos.

E, pensou ele, teria que providenciar um herdeiro algum dia. Seria interessante que fosse com alguém que tivesse algo na cabeça. Não seria nada bom ter uma prole burra. Ele a examinou mais uma vez. Ela o encarava, desconfiada. Sim, ela era inteligente.

Havia algo de muito atraente em Ellie. Charles tinha a sensação de que o processo de providenciar o herdeiro seria tão agradável quanto o resultado. Ele se curvou de maneira elegante, agarrando-se ao cotovelo dela em busca de apoio.

– O que me diz, Srta. Lyndon? Podemos tentar?

– Se podemos tentar? – repetiu ela, quase engasgando.

Aquele decididamente não era o pedido de casamento dos seus sonhos.

– Bem, não tenho muito jeito para isso. A verdade, Srta. Lyndon, é que, se tenho que arrumar uma esposa, deve ser alguém de quem eu *goste*. Afinal, teríamos que passar algum tempo juntos, entende?

Ela olhou para ele com descrença. Ainda estava muito bêbado? Ellie limpou a garganta várias vezes, tentando encontrar as palavras. E então disparou:

– Está tentando dizer que gosta de mim?

Ele sorriu de modo sedutor.

– Muito.

– Tenho que pensar sobre isso.

Ele inclinou a cabeça.

– Eu não gostaria de me casar com alguém que tomaria uma decisão como essa num momento impulsivo.

– Precisarei de alguns dias.

– Não muitos, espero. Tenho apenas quinze antes que meu odioso primo Phillip coloque as garras no meu dinheiro.

– Devo preveni-lo de que minha resposta provavelmente será não.

O conde não disse nada. Ellie teve a desagradável sensação de que ele já estava pensando a quem recorrer caso ela recusasse seu pedido.

Após um instante, ele perguntou:

– Devo acompanhá-la até sua casa?

– Não será necessário. Fica a poucos minutos da estrada. O senhor conseguirá chegar ao seu destino?

Ele assentiu.

– Srta. Lyndon.

– Lorde Billington – disse ela, curvando-se em um breve cumprimento.

Então virou-se, se afastou e, quando ele já não podia mais vê-la, deixou o corpo tombar sobre a lateral de um prédio, murmurando:

– Ah, meu *Deus*.



O reverendo Lyndon não tolerava que as filhas mencionassem o nome do Senhor em vão, mas Ellie estava tão atordoada com o pedido de Bil-

lington que, ao cruzar a porta de sua casa, ainda murmurava “Ah, meu Deus”.

– Essa linguagem é bastante imprópria a uma jovem, mesmo que ela já não seja tão jovem – disse uma voz de mulher.

Ellie gemeu. A única pessoa pior do que seu pai quando se tratava de padrões morais era a noiva dele, Sally Foxglove, que enviuvara recentemente. Ellie abriu um sorriso forçado, tentando seguir direto para o quarto.

– Sra. Foxglove.

– Seu pai não gostará nem um pouco de saber disso.

Ellie gemeu mais uma vez. Estava presa em uma armadilha, então se virou.

– Do que, Sra. Foxglove?

– Da falta de respeito com que a senhorita trata o nome de nosso Senhor.

A Sra. Foxglove levantou-se e cruzou os braços roliços. Ellie pensou em lembrar à mulher que ela não era sua mãe e que não tinha autoridade sobre sua vida, mas se conteve. A vida já seria difícil quando seu pai se casasse de novo. Não era necessário torná-la impossível enfrentando deliberadamente a Sra. Foxglove. Ellie respirou fundo e colocou a mão sobre o peito, fingindo inocência.

– Foi *isso* que pensou que eu estava dizendo? – perguntou ela, dando à voz um tom ofegante.

– *O que* estava dizendo então?

– Eu estava dizendo: “Ah, foi mesmo.” Espero que não tenha entendido mal. A Sra. Foxglove a encarou com óbvia incredulidade.

– Eu tinha julgado mal um certo... problema – continuou Ellie. – Ainda não posso acreditar que fiz isso. Por isso, eu dizia “Ah, foi mesmo”, porque, percebe, eu pensava de um jeito e, se não tivesse pensado assim, não teria me confundido na minha lógica.

A Sra. Foxglove parecia tão perplexa que Ellie teve vontade de dar um gritinho de prazer.

– Bem, seja qual for o caso – declarou a mulher mais velha –, com esse comportamento estranho nunca arrumará um marido.

– Como chegamos a essa questão? – perguntou Ellie, pensando que casamento tinha se tornado o assunto do dia.

– A senhorita tem 23 anos – continuou a Sra. Foxglove. – Uma solteirona, com certeza, mas podemos encontrar um homem que aceite tomá-la por esposa.

Ellie a ignorou.

– Meu pai está em casa?

– Ele está fazendo suas visitas e me pediu para ficar aqui para o caso de algum paroquiano aparecer.

– Ele a deixou encarregada disso?

– Serei esposa dele em dois meses. – A Sra. Foxglove endireitou-se e aliou a saia marrom. – Devo preservar minha posição na sociedade.

Ellie balbuciou algumas frases ininteligíveis em voz baixa. Temia se permitir esboçar palavras, pois seria muito pior do que mencionar o nome do Senhor em vão. Então expirou lentamente e tentou sorrir.

– Se me der licença, Sra. Foxglove, estou cansada. Creio que vou me reitrar para o meu quarto.

Uma mão gorducha pousou em seu ombro.

– Não tão rápido, Eleanor.

Ellie virou-se. A Sra. Foxglove a ameaçava?

– Perdão?

– Temos alguns assuntos a discutir e achei que esta noite seria uma boa oportunidade. Enquanto seu pai está fora.

– O que teríamos para discutir que não poderíamos falar na frente de papai?

– Diz respeito à sua posição na minha casa.

Ellie ficou boquiaberta.

– *Minha* posição na *sua* casa?

– Quando me casar com o bom reverendo, esta será a *minha* casa, e cuidarei de tudo da maneira que eu quiser.

Ellie de repente se sentiu mal.

– Não pense que poderá viver da minha generosidade – continuou a Sra. Foxglove.

Ellie não se moveu por medo de estrangular a futura madrasta.

– Se não se casar e se mudar, terá que ganhar seu sustento – informou a Sra. Foxglove.

– Está insinuando que devo ganhar meu sustento de maneira diferente da que faço agora?

Ellie pensou em todas as tarefas que realizava para o pai e sua paróquia. Preparava três refeições por dia para ele. Levava comida para os pobres. Até lustrava os bancos da igreja! Ninguém podia dizer que não ganhava seu sustento.

Mas a Sra. Foxglove não pensava da mesma forma, porque revirou os olhos e disse:

– A senhorita vive da generosidade de seu pai. Ele é indulgente demais com a senhorita.

Ellie arregalou os olhos. Uma coisa de que o reverendo Lyndon nunca poderia ser chamado era indulgente. Certa vez ele amarrara a irmã mais velha de Ellie para impedir que ela se casasse com o homem que amava. Ellie limpou a garganta em mais uma tentativa de controlar a raiva.

– O que exatamente deseja que eu faça, Sra. Foxglove?

– Inspecionei a casa e preparei uma lista de tarefas.

A mulher entregou à futura enteada um pedaço de papel. Ellie leu aquelas linhas e se sentiu sufocada de tanta raiva.

– Quer que eu limpe a chaminé?

– É um desperdício gastarmos dinheiro com um limpador de chaminés quando a senhorita pode fazer isso.

– Não acha que sou um pouco robusta demais para essa tarefa?

– Essa é outra questão. A senhorita come demais.

– O quê? – guinchou Ellie.

– A comida é um bem precioso.

– Metade dos paroquianos paga seus dízimos em víveres – disse Ellie, tremendo de raiva. – Podemos não ter muitas coisas, mas nunca nos faltou comida.

– Se não gosta das minhas regras – declarou a Sra. Foxglove –, sempre pode se casar e ir embora.

Ellie sabia por que a Sra. Foxglove estava tão determinada a fazê-la sair de casa. Provavelmente era uma daquelas mulheres que não admitia nada menos do que autoridade absoluta em seu lar. E Ellie, que administrava toda a vida do pai havia anos, ficaria em seu caminho.

Ellie se perguntou o que a velha intrometida diria se ela lhe contasse que havia recebido uma proposta de casamento naquela tarde. E de um conde. Ellie colocou as mãos nos quadris, pronta para dar à noiva de seu pai a descompostura furiosa que vinha contendo, quando a Sra. Foxglove lhe estendeu outro papel.

– O que é isso? – disparou Ellie.

– Tomei a liberdade de fazer uma lista dos solteiros adequados da região.

Ellie bufou. Isso ela tinha que ver. Então desdobrou o papel e viu a lista. Sem levantar os olhos, disse:

– Richard Parrish está noivo.

– Não de acordo com as minhas fontes.

A Sra. Foxglove era a maior fofqueira de Bellfield, então Ellie acreditou nela. Não que fizesse diferença. Richard Parrish era corpulento e tinha mau hálito. Ela continuou a ler e engasgou.

– George Millerton tem mais de 60 anos.

A Sra. Foxglove torceu o nariz com desdém.

– A senhorita não está em posição de ser exigente com relação a um assunto tão trivial.

Os três nomes seguintes da lista pertenciam a homens igualmente idosos, sendo que um deles era conhecido por ser má pessoa. Diziam que Anthony Ponsoby batia na primeira esposa. De maneira alguma Ellie iria se prender a um homem que achava que a comunicação conjugal era melhor conduzida com a força de uma vara.

– Santo Deus! – exclamou Ellie enquanto seus olhos desciam até o penúltimo nome da lista. – Robert Beechcombe não deve ter mais do que 15 anos. No que estava pensando?

A Sra. Foxglove estava prestes a responder quando Ellie a interrompeu.

– Billy Watson! – gritou ela. – Ele não é certo da cabeça. Todo mundo sabe disso. Como se atreve a tentar me casar com alguém como ele?

– Como eu disse, uma mulher na sua posição não pode...

– Não diga isso! – interrompeu Ellie, o corpo inteiro tremendo de raiva. – Não diga uma palavra.

A Sra. Foxglove riu.

– A senhorita não pode falar comigo assim na minha casa.

– Ainda não é sua casa, sua velha rebugenta – rebateu Ellie, furiosa.

– Estou chocada! – exclamou a Sra. Foxglove, inclinando-se para trás.

– Eu jamais fui a favor da violência – rebateu Ellie, irritada –, mas estou sempre disposta a tentar algo novo – declarou, enquanto agarrava a Sra. Foxglove pela gola e a empurrava porta afora.

– Vai se arrepender disso! – gritou a mulher.

– Nunca vou me arrepender – retrucou Ellie. – Nunca!

Em seguida, bateu a porta e se atirou no sofá. Não havia dúvida. Precisava descobrir uma maneira de escapar da casa do pai. O rosto do conde de Billington surgiu em sua mente, mas ela o afastou. Não estava tão desesperada a ponto de se casar com um homem que mal conhecia. Tinha que haver outra maneira.

Na manhã seguinte, Ellie havia pensado em um plano. Ela não era tão indefesa quanto a Sra. Foxglove gostaria de acreditar. Possuía algum dinheiro guardado. Não era uma grande quantia, mas o suficiente para bancar uma mulher de gosto modesto e natureza frugal.

Ellie colocara o dinheiro em um banco, anos antes, mas ficara insatisfeita com a insignificante taxa de juros. Então começou a ler o *London Times*, tomando nota dos itens relacionados ao mundo dos negócios e do comércio. Quando sentiu que tinha um conhecimento abrangente sobre o assunto, foi atrás de um procurador para administrar seus fundos. Teve que fazer isso utilizando o nome do pai, é claro. Nenhum procurador iria administrar o dinheiro de uma jovem, em especial uma que estivesse investindo sem o conhecimento do pai. Então ela viajou para uma cidade longe dali, conheceu o Sr. Tibbett, um homem que não sabia quem era o reverendo Lyndon, e disse-lhe que seu pai era um recluso. O Sr. Tibbett trabalhava com um corretor em Londres, e o pé-de-meia de Ellie só aumentava.

Era hora de recorrer a esses fundos. Não tinha outra escolha. Ter a Sra. Foxglove como sua madrastra e ainda morar com ela seria intolerável. O dinheiro poderia sustentá-la até sua irmã Victoria voltar das férias prolongadas no exterior. Victoria se casara recentemente com um conde rico e Ellie não tinha dúvidas de que eles poderiam ajudá-la a encontrar uma posição na sociedade – talvez como professora ou dama de companhia.

Ellie pegou uma carruagem para Faversham, seguiu para o escritório Tibbett & Hurley e esperou sua vez de ver o Sr. Tibbett. Após dez minutos, a secretária dele a conduziu até a sala.

O Sr. Tibbett, um homem corpulento com um grande bigode, levantou-se quando ela entrou.

– Bom dia, Srta. Lyndon – disse ele. – Veio com mais instruções de seu pai? Devo dizer que é um prazer fazer negócios com um homem que presta tanta atenção a seus investimentos.

Ellie abriu um sorriso contido, odiando o fato de seu pai receber todo o crédito por sua perspicácia empresarial.

– Não exatamente, Sr. Tibbett. Vim retirar parte dos meus fundos. Metade, para ser mais precisa.

Ellie não sabia bem quanto custaria alugar uma pequena casa numa parte respeitável de Londres, mas conseguira juntar cerca de 300 libras, e pensou que 150 seriam suficientes.

– Com certeza – concordou o Sr. Tibbett. – Só vou precisar que seu pai venha aqui, em pessoa, para liberar os fundos.

Ellie engasgou.

– Perdão?

– Na Tibbett & Hurley, nos orgulhamos de nossas práticas comerciais rigorosas. Eu não poderia liberar os fundos nas mãos de ninguém além de seu pai.

– Mas venho conduzindo negócios com o senhor há anos – protestou Ellie. – Meu nome está na conta como codepositante!

– Uma *codepositante*. Seu pai é o titular.

Ellie engoliu em seco.

– Meu pai é um recluso. O senhor sabe disso. Ele nunca sai de casa. Como poderei trazê-lo aqui?

O Sr. Tibbett deu de ombros.

– Ficarei feliz em visitá-lo.

– Não, isso não será possível – disse Ellie, notando que sua voz ficava cada vez mais estridente. – Ele fica nervoso junto de estranhos. Muito nervoso. O coração dele, o senhor sabe. Eu realmente não poderia arriscar.

– Então precisarei de instruções escritas com a assinatura anexada.

Ellie suspirou aliviada. Ela podia falsificar a assinatura do pai até mesmo dormindo.

– E precisarei que essas instruções sejam testemunhadas por outro cidadão honrado. – O Sr. Tibbett estreitou os olhos com desconfiança. – A *senhorita* não se qualifica como testemunha.

– Muito bem, vou encontrar...

– Conheço o magistrado em Bellfield. A *senhorita* pode conseguir a assinatura dele como testemunha.

Ellie sentiu-se tomada pelo desânimo. Também conhecia o magistrado e sabia que não haveria maneira de conseguir sua assinatura naquele papel vital, a menos que ele de fato testemunhasse o pai dela escrever as instruções.

– Muito bem, Sr. Tibbett – disse ela, a voz embargada. – Eu vou... ver o que consigo fazer.

E saiu depressa do escritório, pressionando um lenço contra o rosto para esconder as lágrimas de frustração. Sentia-se como um animal encurralado. Não tinha como resgatar o dinheiro com o Sr. Tibbett. E Victoria só voltaria dali a vários meses. Ellie pensou em tentar a compaixão do sogro de Victoria, o marquês de Castleford, mas achou que ele seria tão pouco receptivo à sua presença quanto a Sra. Foxglove. O marquês não gostava muito de Victoria; Ellie imaginou que ele se sentiria da mesma forma em relação à irmã dela.

Ellie caminhou sem rumo por Faversham, tentando organizar seus pensamentos. Sempre se considerara o tipo de mulher prática, que podia contar com sua mente afiada e sua perspicácia. Jamais sonhara que poderia algum dia se encontrar em uma situação em que não conseguiria resolver as coisas com uma boa conversa.

E agora estava presa naquela cidade, a 30 quilômetros de uma casa para a qual nem queria voltar. Sem qualquer opção, exceto...

Ellie balançou a cabeça. *Não* ia considerar o pedido de casamento do conde de Billington.

O rosto de Sally Foxglove surgiu em sua mente. E aquela face hedionda começou a falar de chaminés e de solteironas que deveriam ser gratas por toda e qualquer coisa. A proposta do conde, então, começou a ter uma aparência cada vez melhor.

Ela teve que admitir para si mesma que, quando se tratava da aparência, ele era perfeito. Era pecaminosamente bonito, e Ellie tinha a sensação de que ele sabia disso. Esse devia ser um ponto negativo a respeito do conde, ponderou. Ele aparentava ser muito convencido e não devia ter dificuldade em conquistar a atenção de todo tipo de mulher, respeitável ou não.

– Ah! – disse ela em voz alta, olhando em volta para ver se alguém a ouvira.

Era provável que o desgraçado tivesse até que espantar as mulheres que corriam atrás dele. E ela não queria lidar com um marido com essa espécie de “problema”.

Por outro lado, não estava apaixonada pelo sujeito. Por isso, talvez pudesse se acostumar com a ideia de um marido infiel. Esse pensamento ia contra tudo em que acreditava, mas a outra opção era uma vida com Sally Foxglove, o que era horrível demais para se considerar.

Ellie se deu conta de que Wycombe Abbey não ficava muito longe dali. Se ela se lembrava bem, estava situada na costa norte de Kent, a poucos

quilômetros de distância. Ela poderia caminhar até lá. Não que planejasse aceitar cegamente a proposta do conde, mas poderia discutir o assunto e chegar a um acordo que a deixasse satisfeita.

Decidida, ergueu o queixo e começou a caminhar na direção norte. Procurou manter a mente ocupada, tentando adivinhar quantos passos levaria para alcançar um marco à frente. Cinquenta passos até a árvore grande. Setenta e dois até a cabana abandonada. Quarenta até o...

Ah, droga! Aquilo era uma gota de chuva? Ellie secou a água do nariz e olhou para cima. As nuvens estavam se aglomerando e, se não fosse uma mulher tão prática, ela juraria que estavam se juntando bem acima de sua cabeça.

Emitiu um grunhido e seguiu em frente, tentando não praguejar quando outra gota de chuva atingiu seu rosto. E então outra caiu em seu ombro, e outra, e mais outra...

– Alguém lá em cima está muito irritado comigo – gritou ela, brandindo a mão para o céu. – E eu gostaria de saber por quê!

A chuva desabou sobre ela, que, em segundos, estava completamente encharcada.

– Lembre-me de nunca mais questionar Seus propósitos – murmurou ela de maneira pouco amável, longe de soar como a jovem dama temente a Deus que seu pai a criara para ser. – Está claro que o Senhor não gosta de receber críticas.

Um relâmpago cruzou o céu, seguido pelo estrondo reverberante de um trovão. Ellie deu um pulo. O que o marido de sua irmã lhe dissera anos antes? Quanto mais próximo ao relâmpago vem o trovão, mais perto o relâmpago está da pessoa... Robert sempre tivera interesse pelas ciências, então Ellie tendia a acreditar nele com relação a isso.

Ela saiu em disparada. E, quando seus pulmões ameaçaram explodir, ela diminuiu o ritmo. Depois de um ou dois minutos, no entanto, passou para uma caminhada rápida. Afinal, não iria chegar mais molhada do que já estava.

Outro trovão soou no céu, fazendo Ellie dar um pulo, tropeçar na raiz de uma árvore e aterrissar na lama.

– Maldição! – berrou.

Aquela era provavelmente a primeira vez na vida que falava tal palavra, em vez de apenas pensar nela. Se havia algum momento ideal para começar o hábito de praguejar, era agora.

Ellie levantou-se, cambaleante, e olhou para cima, a chuva batendo no rosto. O chapéu caiu sobre seus olhos, bloqueando-lhe a visão. Ela o arrancou, olhou para o céu e gritou:

– Não estou achando graça!

Mais raios.

– Estão todos contra mim – murmurou ela, começando a se sentir um pouco irracional. – Todos eles.

Seu pai, Sally Foxglove, o Sr. Tibbett e quem quer que controlasse o clima.

Mais trovões.

A jovem trincou os dentes e seguiu adiante. Finalmente, uma antiga e colossal construção de pedra surgiu no horizonte. Ela nunca conhecera Wycombe Abbey, mas já vira um desenho à venda em Bellfield. Ela se dirigiu à porta da frente, o alívio se instalando dentro dela, e bateu.

Um criado de libré veio atender e fitou-a de forma bastante condescendente.

– Eu... eu estou aqui pa... para ver o conde – disse Ellie, trincando os dentes.

– As entrevistas para criados são conduzidas pela governanta – replicou o mordomo. – Use a entrada dos fundos.

Ele começou a fechar a porta, mas Ellie conseguiu enfiar o pé na abertura.

– Nãooo! – gritou, sentindo que, se deixasse aquela porta se fechar em seu rosto, seria condenada a uma vida inteira de mingau frio e chaminés sujas.

– Madame, retire o pé.

– Não nesta vida – disparou Ellie, enfiando o cotovelo e o ombro para dentro da casa. – Verei o conde e...

– O conde não se associa a mulheres do seu tipo.

– Meu tipo?! – berrou Ellie.

Aquilo era mais do que podia aguentar. Ela estava com frio, molhada, sem poder colocar as mãos no dinheiro que era seu por direito, e agora um mordomo todo empolado insinuava que ela era uma *meretriz*?

– Deixe-me entrar neste instante! Está chovendo aqui fora.

– Estou vendo.

– Seu monstro – sibilou ela. – Quando eu vir o conde, ele...

– Rosejack, que diabo está acontecendo aqui?

Ellie quase desmaiou de alívio ao ouvir a voz de lorde Billington. Na verdade, teria mesmo desmaiado, se não tivesse certeza de que o mordomo se aproveitaria daquela fraqueza para empurrá-la para fora.

– Há uma criatura aqui na porta que se recusa a sair – respondeu Rosejack.

– Sou uma “dama”, seu cretino! – exclamou Ellie, usando o punho para bater na parte de trás da cabeça dele.

– Por Deus – disse Charles –, abra a porta e deixe-a entrar.

Rosejack abriu a porta e Ellie caiu lá dentro, sentindo-se como um rato molhado em meio a um ambiente tão esplêndido e opulento. Havia belos tapetes no chão, uma pintura na parede que ela juraria ser de Rembrandt e o vaso que derrubara ao cair... Bem, ela tinha o mau pressentimento de que fora importado da China.

Ela ergueu o rosto, tentando desesperadamente tirar os cachos molhados da face. Charles parecia achar graça, e estava lindo e irritantemente seco.

– Milorde? – arfou ela, quase sem voz.

Não souo como ela mesma, a voz parecia áspera e rouca após suas discussões com Deus e com o mordomo.

Charles fitou-a.

– Perdão, madame – disse ele. – Nós nos conhecemos?

CAPÍTULO 3

Ellie nunca fora de perder a paciência. Ah, ela era, como o pai costumava dizer, um pouco tagarela, mas, no geral, comportava-se como uma dama sensata e equilibrada, nem um pouco dada a explosões e birras.

No entanto, este aspecto de sua personalidade não estava em evidência em Wycombe Abbey naquele momento.

– O quê?! Como ousa?! – bradou ela.

Levantando-se, a jovem se lançou em direção a lorde Billington. O conde tentou recuar, mas, atrapalhando-se por conta de sua lesão e da bengala, acabou no chão com ela.

Charles gemeu.

– Se fui jogado no chão – disse ele –, então deve ser a Srta. Lyndon.

– É claro que sou a Srta. Lyndon! – gritou ela. – Quem mais eu seria?

– Devo ressaltar que a senhorita está bem diferente.

CONHEÇA OS LIVROS DE JULIA QUINN

Os BRIDGERTONS

O duque e eu

O visconde que me amava

Um perfeito cavalheiro

Os segredos de Colin Bridgerton

Para Sir Phillip, com amor

O conde enfeitado

Um beijo inesquecível

A caminho do altar

E viveram felizes para sempre

QUARTETO SMYTHE-SMITH

Simplesmente o paraíso

Uma noite como esta

A soma de todos os beijos

Os mistérios de sir Richard

AGENTES DA COROA

Como agarrar uma herdeira

Como se casar com um marquês

IRMÃS LYNDON

Mais lindo que a lua

Mais forte que o sol

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

